



© Copyright 2005 - Todos os Direitos Reservados ao Prof. Arievaldo Alves de Lima

O QUE HÁ DE NOVO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Os aspectos motivacionais dentro das quatro linhas da sala de aula são importantíssimos. As aulas precisam de momentos mágicos, no falar e agir por parte do docente pesquisador sobre a educação e no ouvir e participar do aluno pela influência no aprendizado. Na era da transição de paradigmas em educação, os dois lados precisam estar afinados para se ter uma boa aula e nesta visão, a palavra-chave mais importante entre muitas outras de teor semelhante é a inovação. As origens histórico-epistemológicas deste conceito precisam ser criteriosamente revisadas quando do seu uso na educação superior. Mesmo com múltiplas definições, a inovação na área educacional consiste em propor e praticar novos caminhos estratégicos no ensinar uma arte ou estudar uma ciência. Na minha área de atuação em contabilidade¹ e finanças, aprendo e a pratico simultaneamente todo este conjunto de conhecimentos ordenando-os de tal forma que me permitem reconhecer e avaliar² o aprendizado acadêmico na escala profissional, levando posteriormente à sala de aula para ministrar aos alunos estas experiências.

Os três modelos que preconizam esta palavra-chave envolvem em primeiro lugar a investigação, em segundo lugar a motivação e em terceiro um modelo de interação social, de acordo com o qual as inovações educacionais produzem influencia pessoais e educacionais. O paradigma em construção vem modificando a práxis no ensino superior esta ligada a forma como se encara a construção do conhecimento na estrutura cognitiva dos alunos. Ao

¹ Classifico a Contabilidade como arte e ciência, todavia, conceituo-a de forma mais ampla como conjunto de conhecimentos ordenados que visam controlar o patrimônio de uma entidade, registrando fatos administrativos em livros legais e gerando relatórios para análise econômico-financeira dos administradores e tomada de decisões de múltiplos usuários. Dissertação de Mestrado. Universidade Estácio de Sá, 1998.

² A pesquisa deve ser o ponto alto para avaliação, tendo sempre em vista o enriquecimento cultural, aderência e bagagem profissional na carreira do docente pesquisador.

© Copyright 2005 - Todos os Direitos Reservados ao Prof. Arievaldo Alves de Lima
fazer esta reflexão sobre o novo modelo de ensino é preciso compatibilizar com a pesquisa e neste particular vê-se três modelos de universidades. Funcional (1970) adaptada as exigências do mercado, alterando currículos e programas e atividades para garantir a inserção profissional dos estudantes. Resultados (1980), época da expansão das escolas e as parcerias entrem a universidade publica e as empresas privadas. Operacional (1990), voltada as características internas da qualidade da organização com relação à questão e a decisão sobre contratos, operando e não agindo, ou seja, cooperando para sua degradação interna³. Como salienta Chauí (1999), não há lugar para a pesquisa na universidade operacional, se a pesquisa for entendida como algo que lança a interrogação, a reflexão é critica, assim como a descoberta, a invenção e a criação, uma visão compreensiva de totalidades e sínteses, uma ação civilizatória contra a barbárie social e política.

Um olhar pedagógico voltado a avaliação. Esta é, sem duvida alguma, a ferramenta de importância capital na nossa interatividade com o mundo. No desenvolvimento de cada passo na nossa vida, estamos avaliando tudo a nossa volta e todos ou quase todos os senões que nos cercam visando atingir um objetivo. No ambiente escolar não é diferente este procedimento, pois avaliamos e somos avaliados a cada movimento, combinando os aspectos formativos e somativos para um diagnóstico que nos permita consolidar melhor o nosso aprendizado. Numa universidade que se propõe a ensinar, de que valeria uma avaliação ao final do curso, sem o acompanhamento ao longo do processo de ensino da disciplina? É preciso prescrever as medidas de melhor aprendizagem e consistência no exercício da construção do conhecimento. A LDB – Lei de Diretrizes e Base, estabelece que a avaliação deve ser continua e priorizada a qualidade e o processo de aprendizagem⁴. O projeto educacional deve ter uma dicotomia com uma mudança social, onde os aspectos

³ Nesta contextualização, a pesquisa é uma estratégia de intervenção e de controle de meios para consecução de um objetivo delimitado.

⁴ Trata-se de um jargão pedagógico chamado de avaliação formativa, usado pioneiramente em 1967 pelo americano Michael Scriven.

© Copyright 2005 - Todos os Direitos Reservados ao Prof. Arievaldo Alves de Lima

qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos, ou seja, o docente deve valorizar o processo de formação mais adequadamente, não apondo na prova final somente a nota daquela avaliação, embora seja regimental⁵. Uma reflexão importante está em alguns casos na mudança de procedimento. Não é fácil mudar, observa-se que os mecanismos reacionários e resistentes atuam no sentido de manter tal qual o funcionamento de certos modelos já tradicionalmente aceitos, obrigando o docente a administrar um grande número de provas à todos os alunos, de forma sincrônica e padronizada, faltando-lhe tempo para praticar a avaliação formativa. Hoje, ao olhar pela janela ou pegar um jornal pra ler, é fácil para nós, professores, chegarmos à conclusão de que o “canal tecnológico” do aprendizado mudou muito. Pertencemos a uma geração que aprendeu a ver o mundo através de livros e materiais impressos. A geração atual cerca-se de diversas engenhocas, computador, vídeo, televisão e outras tecnologias de ponta. A compreensão do mundo que os rodeia surge de forma totalmente diferente⁶. A história da avaliação se mistura com a nossa própria colonização. A avaliação como sinônimo de provas e exames é uma herança que data de 1599, trazida ao Brasil pelos jesuítas. Devemos entender a avaliação como termômetro da educação, o que não equivaleria dizer ou continuar com a retórica aplicada por muitos que desde sempre estamos passando provas e rabiscando suas respostas de vermelho⁷. A função da avaliação dentro desse conceito seria de diagnosticar, reforçar e permitir crescer. Assim o papel do professor é o de um conselheiro, de um

⁵ Chamamos de regimental a aplicação de provas previstas no regimento das universidades.

⁶ É sintomático, por exemplo, que neste natal de 2002, um dos presentes mais pedidos pela garotada foi o telefone celular. Por que então, a avaliação no Brasil precisa continuar a ser a mesma de sempre?

⁷ As implicações vão mais longe do que se imagina. Os testes criam nos alunos e nos professores uma cultura que nada tem com o aprender. Desde muito cedo, os assuntos que interessam nas salas de aula passam a ser: o que vai cair na prova? São saber quais páginas devem ser decoradas. O próprio professor divide o saber em segmentos. Apesar de todo o conteúdo programático seguir uma seqüência lógica em que o assunto se apóia no outro, nas provas e testes só cai a matéria do bimestre, como se cada dois meses uma disciplina completamente nova surgisse do nada, tornando desnecessário o que foi aprendido antes.



© Copyright 2005 - Todos os Direitos Reservados ao Prof. Arievaldo Alves de Lima orientador e não o de um juiz, júri e executor. A abordagem da avaliação como “punição” é substituída pela abordagem da “melhoria contínua”.

REFERENCIAS

CASTANHO, Sergio & CASTANHO, Maria Eugenia L. M. (orgs.) **O que há de novo da educação superior: do projeto pedagógico à pratica transformadora.** São Paulo: Papirus, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LIMA, Arievaldo Alves de. **Contabilidade Geral.** Rio de Janeiro: Editora Rio, 2005.